

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO DIGITAL E
COMUNICAÇÃO NO ENSINO BÁSICO

Lany Pereira da Silva

O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Juiz de Fora

2019

Lany Pereira da Silva

O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Tecnologias de Informação Digital e Comunicação no Ensino Básico, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista em Tecnologias de Informação Digital e Comunicação no Ensino Básico.

Orientadora: Dra. Rita de Cássia Oliveira.

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pereira da Silva, Lany.

O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA / Lany Pereira da Silva. -- 2019.

24 f.

Orientadora: Rita De Cássia Oliveira

Coorientadora: Sheila Rigante Romero

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd.

Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação para o Ensino Básico, 2019.

1. Tecnologia na educação. 2. Inclusão. 3. Educação Básica. I. De Cássia Oliveira, Rita, orient. II. Rigante Romero, Sheila, coorient. III. Título.

Lany Pereira da Silva

O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Tecnologias de Informação Digital e Comunicação no Ensino Básico, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista em Tecnologias de Informação Digital e Comunicação no Ensino Básico.

Aprovada em 13 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Rita de Cássia Oliveira- Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Me. Sheila Rigante Romero
Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que acreditam em uma educação transformadora;
àqueles que defendem que TODOS têm direito ao acesso à uma educação de
qualidade;
àqueles que trabalham em prol de uma educação questionadora, que ensine a
pensar;
e, por fim, àqueles que acreditam que uma educação mais inclusiva, mais
democrática e mais humanizadora, AINDA, seja possível!

AGRADECIMENTOS

Ao querido Rafael, meu filho, por ser a minha inspiração e o meu maior acerto; parafraseando o rei Roberto Carlos, ele “é a mais linda história que eu pude conceber”;

Ao meu namorado Natan por, pacientemente, compreender a necessidade dos meus constantes momentos de recolhimento e reflexão intelectual;

À minha família, por sempre acreditar em mim e vivenciar comigo os meus sonhos;

À minha cachorrinha Belinha por estar próxima à mim, durante a escrita do texto;

À professora orientadora Dra. Rita de Cássia Oliveira, pela paciência e competência em me orientar neste trabalho;

Aos professores do curso “Tecnologia, Informação e Comunicação na educação básica-TICEB” que de forma competente e criativa ministraram e planejaram as disciplinas estudadas;

À tutora Sheila Rigante Romero que, carinhosamente e de forma tão capaz, fez a ponte entre mim e a universidade;

Por fim, a todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

“Comece fazendo o necessário, depois o que é possível, e de repente, você estará fazendo o impossível.”

Francisco de Assis

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de propor um plano de aula, na disciplina língua portuguesa, que utilize tecnologia digital como ferramenta pedagógica. Esse plano foi elaborado tendo como público-alvo alunos com deficiência intelectual, em uma turma de 6º. ano, na escola Municipal Fausto Figueiredo de Oliveira. Postulam-se, aqui, como objetivos específicos os caminhos que precisam ser traçados para que os alunos com deficiência intelectual sejam incluídos, integralmente, no espaço escolar e sugere-se, para isso, o envolvimento e parceria com as famílias dos alunos com deficiência; a formação permanente e continuada dos professores; a inclusão como princípio da escola previsto no projeto político pedagógico e o uso da tecnologia no espaço educacional. Este plano de aula tem como aporte teórico algumas ideias de Vygotsky, visto que esse autor discute a necessidade de os educandos aprenderem a partir de uma mediação pedagógica; de Mantoan que há tempos vem discutindo acerca da necessidade de uma escola comum com perspectiva de educação inclusiva e faz parte, também, dessa bibliografia, Moran (2012) e Demo (2013) que debatem sobre a necessidade urgente de as tecnologias serem usadas como instrumentos educacionais, nas escolas. As considerações finais do trabalho atestam que há muito a ser feito e discutido para que a inclusão escolar seja uma realidade plena na instituição de ensino. Um dos caminhos para que isso se efetive é o da implementação do PEI (plano educacional individual) dos educandos com deficiência, bem como de aulas planejadas que levem em consideração as potencialidades e dificuldades dos educandos. E, acima de tudo, fazer uso da tecnologia digital, visto que essa se constitui em uma imprescindível aliada educacional.

Palavras-chave: Tecnologia digital; Educação inclusiva; Prática pedagógica; Plano de aula.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Forma Palavras.....	16
Figura 2 – Formar Palavras.....	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA	16
1.1 DISCIPLINA OU CONJUNTO DE DISCIPLINAS	16
1.2 CONTEÚDO A SER DESENVOLVIDO DURANTE O PROJETO.	17
1.3 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS COM O DESENVOLVIMENTO DESSE PLANO DE AULA.....	18
1.4 PÚBLICO-ALVO.	18
1.5 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.	18
1.6 RECURSOS DIDÁTICOS A SEREM USADOS NO PROJETO.....	19
1.7 RECURSOS DIDÁTICOS TICS.....	19
1.8 TEMPO PREVISTO.	20
1.9 ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS.....	20
1.10 PRODUTO.	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE	25
ANEXO	xx

INTRODUÇÃO

O objetivo geral para este plano de aula é o de conhecer a colaboração de tecnologias educacionais na inclusão de alunos com deficiência intelectual, especificamente, na disciplina de língua portuguesa. Haja vista que a tecnologia digital é um meio para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive de forma plena. Para Moran (2000, p. 61)

[...] na sociedade da informação, todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico, a integrar o individual, o grupal e o social. É importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação on-line e off-line.

Os estudantes chegam à escola dominando a tecnologia digital, já que são nativos digitais, por isso a necessidade de a escola “conectar-se” à vida do aluno, de modo que a aprendizagem se efetive de forma mais exitosa.

Dentre os objetivos específicos, busca-se apresentar algumas iniciativas de inclusão mediadas por recursos tecnológicos avançados que favoreçam a comunicação interativa; refletir acerca do tema educação inclusiva através de atividades com fins pedagógicos e, por fim, apontar as possibilidades oferecidas pelos recursos tecnológicos para garantir o acesso à informação e à acessibilidade para alunos com deficiência intelectual.

Neste plano de aula foi considerado que o processo de ensino-aprendizagem acontece por meio da interação de vários elementos e não em uma relação horizontalizada de aprendizagem. Para Vygotsky (1993)

a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para ele, o sujeito não é apenas ativo, mas também interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com outros sujeitos que o conhecimento e as funções sociais são assimilados. O professor, portanto, tem o papel explícito de interferir nos processos e provocar avanços nos alunos, criando o que ele chamava de zonas de desenvolvimento proximal.

Na teoria sociointeracionista de Vygotsky (1993), o aluno aprende por meio da intervenção de um mediador, ou seja, a mediação ocorre na zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Essa intervenção acontece mediante a um professor, a um colega da escola, a uma ferramenta pedagógica ou a uma tecnologia digital e, com isso, o aprendizado do sujeito é modificado.

Observa-se, no cotidiano educacional, que a inclusão de alunos com deficiência na escola regular é uma lei que tem sido efetivada. Entretanto, nota-se que, em muitas escolas, os alunos com deficiência são “invisibilizados” pela equipe pedagógica e mesmo pela equipe gestora, visto que não há, na maioria das vezes, políticas públicas educacionais que viabilizem que a inclusão ocorra de fato no espaço educacional. E com isso, em, diversas escolas, inexistem um trabalho sistematizado e planejado pela equipe escolar, de modo a contribuir no aprendizado desses educandos.

Esses acontecimentos vão de encontro a ideia de uma escola inclusiva que de acordo com o ministério da educação (2004) é

aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. que acolhe a todos os sujeitos sem qualquer tipo de discriminação.

A instituição de ensino, por definição, é um espaço em que todos estudantes têm o direito ao acesso, à permanência e ao aprendizado, independentemente, que se trate de um aluno com deficiência, transtornos de aprendizagem ou de alunos sem qualquer problema no aprendizado. Para ocorrer a inclusão de forma plena, o espaço educacional precisa estar preparado para promovê-la, bem como para acolher a diversidade. Para isso, é essencial que os educadores estejam capacitados para saber agir diante dos desafios pedagógicos que surgirem.

Para que a comunidade escolar de fato possa desenvolver um trabalho inclusivo e humano, é fundamental, segundo MANTOAN (2006, p. 54), uma mudança, “uma reforma” no modo de pensar e nas atitudes dos profissionais da educação. Afinal, mais importante que fazer adaptações no espaço físico da escola, é transformar o modo como olhamos para o aluno com necessidades educacionais especiais, para que não corramos o risco de reduzi-lo a sua deficiência. A lei brasileira de inclusão (2015) esclarece que

a pessoa com é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

A comunidade escolar precisa buscar meios para que os alunos com deficiência tenham as suas necessidades educacionais atendidas, sobretudo no que tange às tecnologias

educacionais. No tocante a isso, é preciso organizar planejamentos flexíveis que se adaptem de acordo com a necessidade do educando, segundo MANTOAN (2006, p. 68)

a inclusão é um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas e, assim sendo, a inclusão escolar de pessoas deficientes torna-se uma consequência natural de todo um esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais do ensino básico.

O professor deve ter em vista as habilidades e competências que o aluno deverá atingir, não delimitando apenas ao cognitivo, mas sempre levando em consideração os aspectos emocionais e sociais, pois se pensar a inclusão num todo, pode-se compreender que mesmo o aluno que aparentemente não esteja se beneficiando do ponto de vista cognitivo como seus colegas, certamente, afetivamente e socialmente ele estará se relacionando. Para que isso se efetive é preciso que o educador busque formação permanente e continuada e compreenda que é parte essencial para que novas metodologias de ensino de consolidem. De acordo com Demo (1998, p. 134), "temos que cuidar do professor, porque todas essas mudanças só entram bem na escola se entrarem pelo professor, ele é a figura fundamental".

Percebe-se que a legislação vigente assegura a inclusão de todos os estudantes, porém ainda precisa percorrer um longo percurso para que esse direito seja legitimado e que o aluno com deficiência tenha efetivamente garantido o seu direito de acesso, permanência e aprendizado na escola.

Esse tema é pertinente pelo fato de que, hoje, nas escolas, temos a presença de alunos com deficiência, todavia, muitas vezes, a escola não possui no projeto político pedagógico ações para que eles aprendam o conhecimento sistematizado e sejam, verdadeiramente, incluídos. Por isso, há necessidade de ações para que a inclusão de todos os alunos estejam previstas no PPP da escola.

Dentre as ferramentas disponíveis para a inclusão temos a tecnologia, assistida, que de acordo com BERSCH (2017, p. 2) “é utilizada para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão”.

O uso de tecnologia assistiva, na disciplina de língua portuguesa, é um grande passo para a real inclusão dos alunos com deficiência e para que isso aconteça, é primordial o envolvimento de toda a comunidade escolar e, também das famílias dos educandos. De modo que a inclusão efetiva de todos os alunos deva ser uma política da comunidade escolar e não ações pontuais de alguns educadores.

Para os alunos com deficiência é primordial que os professores façam um PDI (planejamento de desenvolvimento individual) do educando, de modo que as especificidades dos educandos sejam contempladas neste plano (ver apêndice A). E, neste plano, é primordial, que seja incluído o uso das tecnologias digitais como ferramenta essencial ao processo de ensino aprendizagem na escola.

1 DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA

1.1 DISCIPLINA OU CONJUNTO DE DISCIPLINAS

A disciplina para a qual o plano de aula será desenvolvido é a Língua Portuguesa, já que é uma disciplina essencial na formação acadêmica de estudantes com ou sem deficiência.

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), 2017, o ensino de língua portuguesa deve abranger a leitura, a produção de texto, a oralidade e análise linguística/semiótica. Na questão da semiótica, temos a presença e a valorização de textos multimodais que apontam a necessidade de trabalhar em sala de aula com esses gêneros que têm como suporte, muitas vezes, os veículos digitais. A partir da BNCC (2017), apreendemos que

a BNCC reflete esse avanço, que se manifesta, principalmente, em dois aspectos: a presença de textos multimodais – popularizados pela democratização das tecnologias digitais – e as questões de multiculturalismo – uma demanda política da contemporaneidade.

Ainda, acerca da BNCC (2017, p. 9), a competência 5 discorre sobre a urgência da implementação de uma cultura digital, na educação que consiste em:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética. De modo que os educandos possam comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria e tenham como incentivo o contato com ferramentas digitais, produção multimídia e linguagem de programação – tudo de forma ética.

Com isso, compreende-se que para o ensino da língua portuguesa é desejável o acesso dos educandos às tecnologias digitais como prática social, haja vista que muito textos que circulam, hoje, tem como um suporte um meio digital e devem utilizados no espaço escolar.

1.2 CONTEÚDO A SER DESENVOLVIDO DURANTE O PROJETO

O conteúdo a ser desenvolvido no plano de aula é o de formação de palavras, sendo para isso utilizados aplicativos, como “Forma Palavras”, do Escola Games e “Formar Palavras” desenvolvido por Pedro de Moura Garcia, em 2018 e baseado no método fônico. Ambos são acessíveis em smartphones e em tablets.

No método fônico, parte-se das letras (grafemas) e dos sons (fonemas) para formar, com elas, sílabas, palavras e depois frases. Nele os estudantes não pronunciam os nomes das letras, mas sim os seus sons.

De acordo com o linguista americano Bloomfield (2008), criador desse método,

a aquisição da linguagem é um processo mecânico, ou seja, a criança será sempre estimulada a repetir os sons que absorve do ambiente. Assim, a linguagem seria a formação do hábito de imitar um modelo sonoro. Os usos e funções da linguagem, neste caso, são descartados (em princípio), por se tratarem de elementos não observáveis pelos métodos utilizados por essa teoria, dando-se importância à forma e não ao significado. No tocante à aquisição da linguagem escrita, a fônica é o intuito de fazer com que a criança internalize padrões regulares de correspondência entre som e soletração, por meio da leitura de palavras das quais ela, inconscientemente, inferir as correspondências soletração/som.

No caso de deficiência intelectual, síndrome de Down, segundo Capovilla (2010)

existe uma redução da abstração, o que pode comprometer o método fônico apenas um pouco, mas apenas se você não fizer uso de atividades para compensar a falta de abstração. Essas estratégias sempre fazem uso do apoio em objetos. Por exemplo, quando faço uma tarefa de transposição silábica como: pata/tapa, bolo/lobo ou transposição fonêmica e/l/o e o/l/e, sempre dou um apoio visual, colocando uma sílaba numa caixinha colorida. Ou seja, você dá o apoio visual e assim a criança com deficiência intelectual consegue fazer as atividades metafonológicas e fônicas. É o método fônico com leves adaptações, sempre.

Portanto, de acordo com esses pesquisadores, o método fônico é o mais indicado para alunos com deficiência intelectual e os aplicativos “Forma Palavra” e “Formar Palavras” por usarem esse método, se constituem em ferramentas pedagógicas eficazes.

1.3 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS COM O DESENVOLVIMENTO DESSE PLANO DE AULA

Os objetivos específicos do plano didático são:

1. Introduzir no planejamento pedagógico da língua Portuguesa o uso das tecnologias da informação e comunicação como ferramenta pedagógica, mediante a utilização dos aplicativos “Formar Palavra”, e “Formar Palavras”, nos smartphones e tablets;
2. Possibilitar o acesso de alunos com deficiência intelectual a aplicativos em smartphones e tablets para compreensão do processo de formação de palavras, de modo a contribuir na consolidação do processo de alfabetização dos alunos com deficiência intelectual;
3. Elaborar um livro digital ilustrado, mediante a plataforma “Estante Mágica” em que apareçam algumas palavras que foram aprendidas pelos alunos.

1.4 PÚBLICO-ALVO

Alunos com deficiência intelectual leve que estão matriculados no 6º. ano do ensino fundamental, na educação básica, no 2º. turno, da escola Fausto Figueiredo de Oliveira.

1.5 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

O estabelecimento educacional escolhido para a pesquisa foi a escola Municipal Fausto Figueiredo de Oliveira que pertence à Rede Municipal de Ensino de Betim, MG. Essa está localizada à rua Piracicaba, 45, N. S. de Fátima, Betim, MG. CEP 32672-206, Tel. (31) 3595-2511. Foi fundada há 25 anos e o nome da escola é em homenagem a um líder comunitário, já falecido, que exigiu do poder público que a escola fosse construída. Entretanto, Fausto Figueiredo morreu antes de ver o objeto de “sua luta” realizado.

Atualmente, a escola funciona com 14 turmas no 1º. turno, divididos em três 1º. anos, três 2º. anos, dois 3º. anos, três 4º. anos e três 5º. anos. Já no segundo turno, a escola possui 9 turmas com 35 alunos cada, sendo dois 9º. anos, dois 8º. anos, três 7º. anos e dois 6º. anos no turno da tarde. A escola possui 548 alunos e um total de 89 funcionários.

A instituição possui boa estrutura física, no entanto, deixa a desejar em relação a alguns recursos didáticos - pedagógicos. As salas de aula são quentes e para os 35 alunos que estudam diariamente é um espaço apertado o que interfere no desempenho e na aprendizagem

dos educandos. Há um banheiro feminino e um masculino para os estudantes, entretanto não há vestiário na quadra, tampouco laboratório de Ciência. O laboratório de informática, por sua vez, possui 12 computadores com acesso à internet, porém são computadores obsoletos e com recursos limitados. A escola conta, ainda, com a sala de recurso multifuncional, ou seja, o AEE (atendimento educacional especializado) cuja educadora responsável é Weena Pio Martins.

Há na escola 22 alunos com deficiência: desses, um com síndrome de down, cinco com autismo, três com paralisia cerebral, quatro com deficiência física de locomoção, três com deficiências múltiplas, sete com deficiência intelectual, um com psicose infantil e um com baixa audição. Todos esses alunos com deficiência contam um atendente pedagógico que os acompanham em suas necessidades educacionais diárias. Está disponível a esses educandos, também, o atendimento especializado na sala de AEE que é ofertado no contraturno das aulas regulares.

1.6 RECURSOS DIDÁTICOS A SEREM USADOS NO PROJETO

Apostila de alfabetização, caderno, lápis, caneta, quadro-branco, pincel.

1.7 RECURSOS DIDÁTICOS TICS

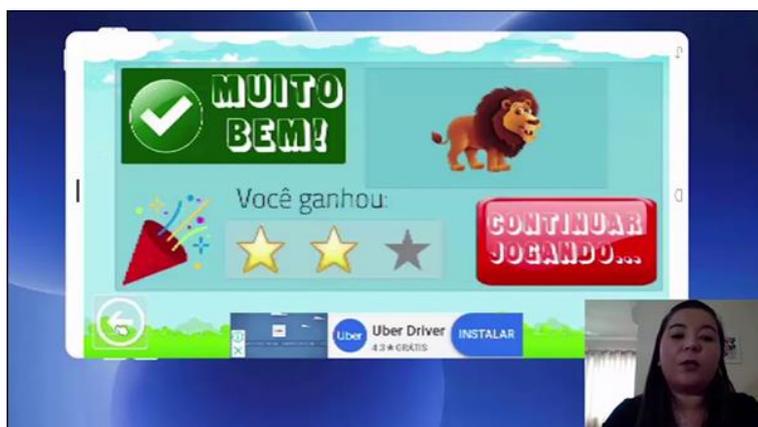
Uso de aplicativos que contribuam no processo de alfabetização, como “Forma Palavras”, do Escola Games e “Formar Palavras” baseado no método fônico e desenvolvido em 2018, por Pedro de Moura Garcia. Ambos acessíveis em smartphones e em tablets.

Figura 1: Forma Palavras



Fonte: <https://www.google.com/search?q=aplicativo+formar+palavras>

Figura 2: Formar Palavras



Fonte: <https://www.google.com/search?q=aplicativo+formar+palavras>

1.8 TEMPO PREVISTO

Foram planejadas para a implementação do projeto 4 aulas semanais de 50 minutos, durante um mês.

1.9 ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- Desenvolver atividades de formação de palavras, por meio de uma apostila elaborada com essa finalidade;
- Acessar os aplicativos “formar palavras” e “forma palavras”, como auxiliares de alfabetização, que estarão disponíveis nos smartphones e tablets disponibilizados para os alunos;
- Fazer um livro de palavras digital ilustrado, utilizando a plataforma “Estante Mágica”, haja vista que a estante mágica é a maior plataforma de projetos pedagógicos do Brasil em que mais de 240 mil crianças publicaram o próprio livro gratuitamente;
- Promover atividades em que os educando com deficiência associem a palavra ao objeto correspondente, mediante a atendentes de apoio pedagógico que acompanham os alunos.

1.10 PRODUTO

Livro digital ilustrado com algumas palavras aprendidas e consolidadas pelos alunos com deficiência intelectual, a partir dos aplicativos “forma palavras” e “formar palavras”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da inclusão nas escolas continua a ser um debate necessário, visto que se coloca como um grande desafio para os professores, para os pais, para o governo e gestão escolar. É um assunto relativamente recente, já que há pouquíssimos anos seria inimaginável uma escola em que alunos com e sem deficiência aprendessem juntos em um mesmo espaço, como pares; por isso, se constitui, ainda mais, em uma ação ousada e desafiadora.

Para somar aos reforços a efetivação de uma escola inclusiva conta-se, hoje, com a inclusão digital que consiste em os alunos aprenderem os conhecimentos escolares sendo mediados pelas tecnologias digitais e para isso, há inúmeros aplicativos disponíveis e que podem ser baixados nos smartphones e tablets.

Há para contribuir nesse processo, também, metodologias ativas que fomentam a autonomia e o protagonismo dos alunos com necessidades educacionais especiais. No entanto, para que isso se efetive, é essencial o papel do professor, já que é ele quem será o mediador e o facilitador nesse processo de aquisição de conhecimento.

Existem grandes desafios postos para que a inclusão escolar seja realizada de maneira plena na escola regular e, por isso, muitos educadores se sentem em dúvida em relação a essa questão e vários, inclusive, acreditam que a escola especial, fora da escola regular, seria uma alternativa melhor para os alunos com deficiência.

Contudo, não se pode esquecer que a educação inclusiva é um direito constitucional, fruto de lutas da sociedade e, devido a isso, precisa ser efetivada e respeitada, nas escolas regulares e vista como mais uma forma democrática de aprendizagem. Segundo Paulo Freire (2001, p. 53) a inclusão acontece quando "se aprende com as diferenças e não com as igualdades", por isso toda forma de diferença deve ser celebrada e acolhida pela escola.

A inclusão escolar é, sem sombras de dúvidas, uma política pública necessária para a consolidação de um estado democrático de direito em que haja proteção, acolhimento e liberdade responsável a todos os cidadãos brasileiros, visto que quando uma pessoa é excluída da sociedade, toda a sociedade perde.

O acolhimento às diferenças é de responsabilidade de todos, por isso a escola deve ter explicitadas em seu projeto político pedagógico as ações que serão executadas em defesa dos alunos com deficiência, haja vista que uma instituição inclusiva está aberta ao diálogo e ao respeito às diferenças.

Por fim, é preciso que exista um olhar diferenciado para que a inclusão escolar se efetive de forma plena e, acima de tudo, que alunos com deficiência e alunos sem deficiência tenham os mesmos direitos garantidos pela constituição brasileira que é o de acesso, de permanência, de aprendizado e de exercício da cidadania no espaço da escola regular. Assim sendo, “quando se muda a forma de olhar as coisas, as coisas mudam de forma” e é isso que é desejado: uma nova forma de olhar, em que a educação inclusiva escolar seja motivo de celebração e orgulho de todos; tendo, sobretudo, como grande parceira educacional: a tecnologia de informação e comunicação digital.

REFERÊNCIAS

- APLICATIVO FORMAR PALAVRAS. Disponível em: < <https://www.iprofs.com.br/aplicativo-formar-palavras-2/>>. Acesso em: 29/3/2019
- BERSCH, Rita. Introdução à tecnologia Assistiva. Disponível em: < http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf>. Acesso em: 1/4/2019
- BNCC. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/22/propostas-em-lingua-portuguesa-da-bncc-focam-na-gramatica-e-nos-generos-digitais>. Acesso em: 22/3/2019
- BLOOMFIEL, Leonard. Dados biográficos. Disponíveis em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonard_Bloomfield>. Acesso em: 29/3/2019
- BRASIL. Educação Especial. In: LDB. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>. Acesso em: 9/7/2018
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. Alfabetização: método fônico. 5. ed. São Paulo: Memnon, 2010.
- DEMO, P. Questões para tele-educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- ESCOLA INCLUSIVA. In: Ministério da Educação: Secretaria da educação especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aescola.pdf>. Acesso: 1/3/2019
- ESTANTE MÁGICA. Disponível em: < <https://estantemagica.com.br/>>. Acesso em: 29/3/2019
- FORMA PALAVRAS. Disponível em: < https://play.google.com/store/apps/details?id=air.com.escolagames.FormaPalavras&hl=pt_BR>. Acesso em: 29/3/2019
- FREIRE, Paulo. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: UNESP, 2001.
- Lei Brasileira de Inclusão (LBI). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 1/4/2019.
- MANTOAN, Teresa Eglér. PRIETO, Rosângela Gavioli. Pontos e Contrapontos: Inclusão Escolar. São Paulo: Summus, 2006
- MÉTODO FÔNICO. Disponível em: < <http://www.espacoeducar.net/2009/01/o-mtodo-fnico-de-alfabetizao.html>>. Acesso em: 29/3/2019

MORAN, José Manuel. A integração das tecnologias na educação. 2000. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/integracao.pdf>. Acesso em: 24/3/2019

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento. Ed. Scipione, 1993, 112 p.

APÊNDICE A – PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL(PDI)

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL (PDI)

1-Dados da escola

1.1 -Escola: E. M. Fausto Figueiredo de Oliveira

1.2- Pedagoga: Aparecida Souza

1.3- Professora: Lany Pereira da Silva

2-Dados do aluno

2.1-Nome do aluno: XXXXXXXXXXXXX

2.2-Data de nascimento: 5/4/2005

2.3-Responsáveis pelo aluno

Mãe da aluna: XXXXXXXXXXX

2.4-Ano/ciclo: 6º. ano

2.5-Apoios, recursos e atendimentos educacionais especializados que recebe:

- Potencialidades:

Demonstra intenção comunicativa, compreende orientações, mensagens e transmite recados simples; expressa e verbaliza suas ideias com clareza de forma coerente com o contexto; vocabulário amplo; expressividade verbal e não- verbal.

- Dificuldades

Sem concentração, sem atenção, imaturidade para sua faixa etária, dificuldade de aprendizagem.

- Recursos pedagógicos disponíveis:

Computador, livros de literatura, massa de modelar, CD, aparelho de som, texturas.

RECURSOS DE ACESSIBILIDADE AO COMPUTADOR:

Recursos para acesso Direto:

Faz uso do computador na sala de recurso multifuncional, visto esse permite que a educanda introduza de forma autônoma comandos em seu computador

- Período de aplicação do plano de atendimento educacional especializado: 3 meses (1ª. Etapa)

- Utiliza aplicativos em smartphones e em tablets para formar palavras

2.6-Apoios, recursos e atendimentos educacionais especializados necessários decorrentes da deficiência

A estudante frequenta a sala de recurso multifuncional, no contraturno da escola ,semanalmente;

A aluna recebe, quinzenalmente, atendimento com psicopedagogo no CRAEI (Centro de Referência e Apoio à Educação Inclusiva Rafael Veneroso), em Betim. E iniciará acompanhamento com psicólogo no CERSAMI.

Há parceria entre a família, professores da sala comum e professora da sala multifuncional.

3-Relatório

Foi realizado com a aluna vários momentos com jogos e outras intervenções pedagógicas e foi observado que a aluna gosta de realizar atividades diferenciadas, sobretudo em utilizar os aplicativos “forma palavras” e “formar palavras”.

Em relação à memória de curto prazo, foi constatado que a aluna tem dificuldades para reter informações e, diante disso, atividades com jogos que estimulem a memória serão intensificados